

O REGIME DE CONCENTRAÇÃO ESPORTIVA NO FUTEBOL PROFISSIONAL

Rafael Moreno Castellani¹

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Concentração esportiva; Psicologia do esporte; Processo grupal

INTRODUÇÃO

O futebol tem sofrido ao longo de seu processo histórico diversas mudanças, algumas delas muito significativas, que o caracterizam atualmente não mais somente como uma prática social que “expressa hegemonicamente a cultura corporal de movimento” (BRACHT, 1997), mas principalmente como prática social modernizada, globalizada, espetacularizada, produtora de identidade nacional e espaço político e econômico extremamente rentável (DaMATTA, 1994; DAMO 2007). Segundo Toledo (2000, p.27), a profissionalização do futebol como espetáculo, em consequência de um intenso trabalho de midiaticização desta prática esportiva, transformou o modo de organização e dinâmica de jogo, assim como a noção de profissão e formas de carreira.

Diante de tais mudanças supra explicitadas pelas quais passou - e vem passando - o futebol profissional, passou-se a questionar com maior veemência a eficácia do regime de concentração esportiva no Brasil. Segundo Toledo (2000, p.155), as “concentrações” eram “supostamente designadas como ‘terapias coletivas’ para equilibrarem o estado emocional dos jogadores, apartando-os de outros estímulos e contatos extra futebol, por horas, às vezes dias, antes das partidas oficiais.” Tal entendimento partia do pressuposto de que os acontecimentos extra campo comprometiam o desempenho dos atletas em campo na medida em que causavam prejuízos ao estado físico e mental dos jogadores.

OBJETIVOS

Dessa forma, este estudo teve por objetivo compreender a concentração esportiva e analisar sua relação com o desenvolvimento dos processos grupais.

METODOLOGIA

Seguindo as orientações de uma pesquisa qualitativa, este estudo partiu de uma revisão bibliográfica e um estudo de campo em um clube do futebol profissional, envolvendo vinte e um dias de observação e entrevistas. Tais procedimentos metodológicos foram orientados por referenciais teóricos da Psicologia Social, especificamente sob o viés de uma leitura pichoniana (PICHON-RIVIÈRE, 1982; 2000; 2005). As entrevistas, principal técnica de investigação científica em psicologia (BLEGER, 1980), realizadas a partir do referencial teórico de Grupo Operativo proposto por Pichon-Rivière (SCARCELLI, 1998), foram abertas e organizadas a partir de uma questão que melhor traduza o objetivo da pesquisa, capaz de representar a tarefa explícita elaborada no processo de observação das equipes. Sua realização se deu individualmente com dois dirigentes esportivos, quatro membros da comissão técnica

¹ Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo.



das categorias de base e da equipe profissional e 8 atletas de um clube o futebol brasileiro, Guarani Futebol Clube, que apesar de ainda ser o único clube do interior do Brasil a ser Campeão Brasileiro da primeira divisão, participa atualmente da série A3 do Campeonato Brasileiro e A2 do Campeonato Paulista.

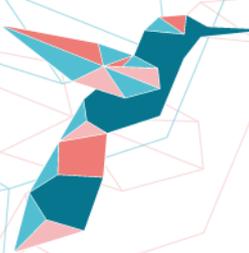
ANÁLISE E DISCUSSÃO

Dentre os atletas, predominou a compreensão de que a concentração esportiva é importante para o desempenho nas partidas e somente dois deles foram contrários à sua existência, creditando à sua manutenção a falta de profissionalismo dos atletas brasileiros. Um deles disse, inclusive, que um dos principais motivos para a presença da concentração esportiva no futebol é a sua capacidade de fortalecer as relações sociais entre os jogadores, mas isso não ocorre, pois fica “cada um na sua”. Outras críticas realizadas estão o controle da vida social do atleta e o prejuízo na condição física e técnica daqueles que não participam dos jogos.

Por sua vez, os atletas que valorizam a existência da concentração afirmam que sua finalidade é manter o foco do jogador na próxima partida “desligando” dos problemas e compromissos familiares, objetivando melhor desempenho. A alimentação, controlada e de qualidade, e o descanso foram dois fatores também atribuídos à sua importância. A possibilidade de relação entre a concentração esportiva e os processos grupais se manifestou no discurso de alguns atletas, sobretudo quando atribuíram à sua importância a possibilidade de contribuir com o estabelecimento de novas amizades, acelerar o processo de adaptação de novos atletas e ampliar a coesão grupal. As atividades realizadas pelos atletas ao longo do período em que estão concentrados se dividem em descansar, ver TV, ouvir música, mexer na internet, jogar vídeo game e carteados.

A comissão técnica entrevistada divide opiniões a respeito da necessidade, ou não, da presença da concentração esportiva no futebol profissional. Um deles é enfaticamente desfavorável a sua existência, pois “não serve para nada”. De fato, segundo sua opinião, é utilizada para “trancar” o atleta de modo que ele não possa ir à festas e boates, que consuma álcool e se alimente mal e isso acontece porque o jogador não é profissional, não se cuida, não leva a sério a profissão. Por sua vez, em virtude da cultura brasileira em culpabilizar sempre o técnico e preparador físico pelas derrotas e fracos desempenhos dos atletas, a própria comissão técnica, responsável pela implantação e organização da concentração esportiva, se utiliza do regime de concentração para se defender, ou seja, para o atleta se preservar para o jogo e não prejudicar seu rendimento. Ainda assim, reforçou a importância na alimentação e a obrigatoriedade em concentrar-se em partidas fora da cidade local. Outros dois membros da comissão que emitiram a sua opinião a este respeito foram favoráveis à existência da concentração para propiciar momentos de descanso aos atletas, se afastar das demandas e problemas familiares, sair do foco da rotina, se concentrar no jogo e para estabelecer limites, visto que muitos deles não têm consciência das obrigações e cuidados profissionais que devem ter.

Dos dois dirigentes entrevistados, um deles se mostrou favorável à concentração, outro contra. O motivo que fundamenta a sua existência é a falta de profissionalismo dos atletas, mas ainda assim é obsoleta. Para tal dirigente, explicitamente totalmente contrário à concentração esportiva, o medo de que o atleta vá dispersar, fazer alguma besteira, ir em festas e boates, faz com que se configure como uma terapia ocupacional. Justifica seu discurso por achar que o atleta tem que ter responsabilidade e consciência de que, sendo profissional, é fundamental que descanse, se alimente bem e mantenha o foco nas partidas



para que não prejudique seu desempenho. Por sua vez, o outro dirigente trouxe argumentos favoráveis à concentração, tais quais o descanso, a alimentação de qualidade, a ausência de obrigações familiares (exigências das esposas e filhos) e o foco no jogo objetivando melhor desempenho nas partidas.

Ambos dirigentes retrataram que as atividades contempladas enquanto estão concentrados são as preleções (reuniões entre comissão técnica e jogadores para falarem do jogo), filmes e principalmente o descanso. A responsabilidade de organizar a concentração (onde vai concentrar, o que será feito, que horas sairão para o jogo etc.) é da diretoria e comissão técnica. Dentre as atividades não planejadas por eles, opção, portanto, dos atletas, mencionaram o computador e a internet.

CONCLUSÕES

Portanto, ao término deste estudo pudemos concluir que a importância de existência, ou não, da concentração esportiva no âmbito do futebol profissional não é unanimidade entre jogadores, comissão técnica e dirigentes. O descanso e uma boa alimentação estão entre as principais justificativas para sua realização, ao passo que estratégias para desenvolvimento dos processos grupais mereceram pouca relevância. Grande parte dos discursos creditou a existência da concentração esportiva em clubes brasileiros à falta de profissionalismo dos atletas. Entretanto, carece de mais análise a sua exclusão pelo fato da maioria dos atletas serem favoráveis à sua existência. Por fim, se faz necessário mais estudos que busquem compreender o significado da concentração esportiva para os sujeitos inseridos no contexto do futebol profissional para que se possa, ao determinar a importância de sua realização, definir outras estratégias que amplie sua serventia para além da reclusão, descanso e alimentação.

REFERÊNCIAS

- BLEGER, J. **Temas de psicologia: Entrevista e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- DAMATTA, R. **Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. Revista USP, n.22, p.10-17, Jun/Ago, 2004.
- DAMO, A. **Do dom à profissão: A formação de atletas futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: hucitec/ANPOCS, 2007.
- PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- _____. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Teoria do vínculo**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SCARCELLI, I. R. **O Movimento Antimanicomial e a rede substitutiva em saúde mental: a experiência do município de São Paulo 1989-1982**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1998.
- TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional**. Tese (doutorado em Antropologia) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2000.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)